



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ÉTICA E MORAL PARA ENGENHEIROS

UFPR - ST - DEQ / DEBB



(Redigido em outubro de 2013.)

O Pensamento Estóico.

De modo similar ao sofismo e outros movimentos, o estoicismo apresenta várias personalidades de peso. Seus principais expoentes podem ser considerados como o cipriota Zenão de Cítio (334 a.C. - 262 a.C.), o consul romano Marco Túlio Cícero (106 a.C. - 43 a.C.), o senador também romano Lúcius Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.) e o imperador-filósofo Marco Aurélio (121 d.C. - 180 d.C.). Iniciada no século IV a.C. na Grécia, tornou-se a visão filosófica dominante do Império Romano até o terceiro século da era cristã. Se há uma diretriz que caracterize esta linha de conduta é a de que não deveríamos tentar resistir à ordem natural e sim aceitar e nos resignarmos calmamente ao que nos acontece. Na concepção cosmológica, o Universo seria um contínuo ordenado, governado por uma Alma do Mundo.

Zenão de Cítio foi o fundador da escola denominada por Escola do Pórtico. Segundo ele o homem deve aceitar a fatalidade universal, refugiar-se na sua interioridade da qual poderá chegar a ser dono e senhor, bem como organizá-la convenientemente. Viver adequadamente seria responder com elegância a impotência objetiva e ter ciência da própria situação. A liberdade atinge-ser-ia quando as paixões estivessem controladas. Estas seriam impulsos que pretenderiam inutilmente alterar a ordem universal, mas que apenas alterariam a ordem interior do indivíduo. Seriam portanto enganosas. Caberia ao estóico dominá-las esforçando-se por nada desejar. Caso conseguisse tornar-se indiferente aos bens exteriores, nunca sentiria falta daquilo que não tem e permaneceria em paz e imperturbável.

Os estóicos atribuem uma natureza material a todas as realidades admitidas, tais como Deus, a alma, as virtudes, os sentimentos como o amor, as ações como o andar e assim sucessivamente para tudo. Desta forma a realidade universal seria objeto da física; das ciências naturais. Nada se encontraria além deste plano da materialidade e a metafísica seria desta forma essencialmente uma ilusão tal como seria igualmente uma ilusão considerar a divindade apartada da materialidade. A realidade considerada deste modo serve de pressuposto à ética e esta é a única divisão da filosofia que recebe a atenção dos estóicos. Para eles o supremo bem estaria em viver de acordo com a natureza.

As pessoas comuns correriam atrás de suas paixões, submeter-se-iam aos seus desejos e com isto apenas conseguiriam intranquilidade e angústia. O estóico, pelo contrário, saberia que praticamente tudo o que acontece não pode deixar de acontecer, pois quase nada se pode evitar. Desta forma, nada há a deplorar e nada o que perseguir. Ao homem fundamentalmente apenas restaria a sua liberdade em seu mundo interior. A paz nesta região só seria atingida pelo autodomínio.

Para um estóico, a responsabilidade ética de cada um se assenta naquilo que efetivamente depende dele. As deliberações éticas se relacionariam à distinção entre o que podemos ou não interferir ou atuar.

Marco Túlio Cícero foi influenciado pelos pensamentos de Aristóteles e Platão. Colecionou muitos inimigos poderosos e foi assassinado a mando do imperador Marco Antônio.

O princípio fundamental do mundo e da realidade seria a razão. Deveríamos nos dedicar ao autocontrole; ao autodomínio. Haveria um Deus único e todos nós seríamos seus filhos. Todos os homens seriam iguais, membros de uma só família. Cícero defende a ideia de um Estado Mundial e de uma Cidadania Universal. Ainda, que haveria um direito natural de origem divina. O homem bom deveria procurar a virtude na sua ação diária.

Quanto à política, seria na pólis que a virtude melhor poderia ser exercida. O político seria mais importante que o filósofo, porque enquanto este conseguiria persuadir apenas um pequeno número de pessoas a seguir seus conselhos, o político, através das leis que faz aprovar e do poder de comando que exerce, é capaz de levar todo um povo a fazer aquilo que os filósofos indicassem.

Quanto ao sistema de governo, a monarquia se prestaria a abusos quando houvesse um mau rei. A aristocracia seria elitista e tenderia a descuidar dos direitos do povo. A democracia é exercida pelo povo que por sua vez estaria entregue às paixões, aos apetites e à inveja. No sistema ideal, o governo deveria ter suficiente poder para governar; o parlamento, suficiente autoridade para fazer Leis; e o povo, suficiente liberdade para fiscalizar e controlar o governo e o parlamento.

Cícero defende uma postura altruísta de vida. '... o cidadão deve mostrar uma grande disponibilidade para dar generosamente à pátria sua vida, que sempre seria necessário dar um dia à natureza. Não há que hesitar, assim, em adquirir pelos nossos próprios perigos, a tranquilidade de todos os cidadãos.'

Cícero também faz distinção entre um direito natural, real, superior e anterior e o denominado direito positivo, estabelecido pelo Estado. Quanto ao direito natural afirma que há '... uma lei verdadeira, que é a reta razão, conforme a natureza, presente em todos os homens, constante e sempre eterna. Essa lei conduz-nos imperiosamente a fazer o que devemos, e proíbe-nos o mal, desviando-nos dele. O homem honesto não é nunca surdo aos seus comandos e proibições: mas estes não tem efeito sobre o perverso. A essa lei nenhuma alteração é permitida, e não é lícito revogá-la no todo ou em parte.' Tal lei natural estaria enraizada na ordem natural, que foi criada por Deus e poderia ser descoberta pela razão humana.

O pensamento acima pode ser considerado como uma antecipação de algumas consequências da ética evolucionária natural ou ainda das conclusões Junguianas. Pode também ser encarada como uma das primeiras propostas de direitos humanos independentes dos direitos estabelecidos pelos homens.

Para Marco Túlio os deveres éticos do indivíduo, ao longo de sua vida, são fundamentais, sendo imperativo evitar-se o mal em todas as situações. Deveríamos procurar fazer com que a razão dominasse os sentimentos e os apetites, o que seria o mais

importante para o cumprimento das obrigações individuais. O conhecimento ocupar-se-ia com a investigação da verdade e a vontade com as ações individuais. A educação ética ocorreria primeiramente no seio familiar. A posse das virtudes seria superior à de todos os bens materiais.

Lúcius Sêneca nasceu na província romana da Espanha. Autor da carta intitulada 'Clemência' dirigida ao imperador Nero, na qual defendia uma monarquia moderada, sem o uso do terror e a tirania. Um pouco mais tarde foi assassinado a mando deste mesmo imperador.

Digno de nota o fato que os pensadores e filósofos não sofrem perseguições ou são mortos por apresentarem um comportamento ético e sim quando se veem impulsionados e atuam no sentido de promover uma ética comunitária. Ou seja, são condenados por suas ações políticas.

Para ele, apesar da formação ética individual começar no seio familiar, a interação professor-aluno igualmente seria importante.

A sabedoria estaria '... em conduzir a própria vida conforme a razão, cumprindo um programa duplo: o domínio dos afetos da alma e o saber enfrentar impassivelmente as mudanças da fortuna.'

Todas as pessoas trariam em si as sementes de uma vida honesta, embora os bons hábitos e os bons exemplos ao longo da existência tivessem um papel primordial na adoção das virtudes. A educação ética consistiria em fazer com que os atos correspondessem aos princípios éticos. Por outro lado, nem sempre o indivíduo possuiria força de vontade e sabedoria suficientes para a adoção do bem e a rejeição do mal. Desta forma justificar-se-ia a ação de um tutor espiritual, que através de sua vigilância e bons conselhos, orientaria e fortaleceria o aluno.

Para Sêneca não é necessário que alguém seja semelhante aos melhores. Bastaria que fosse melhor que os maus e que a cada dia diminuísse um pouco seus vícios e evitasse os erros.

Conclama a que fujamos do luxo e que meçamos as coisas pela utilidade que nos proporcionam. Que aprendamos a nos apoiar em nós mesmos. '...A temperar o desejo de glória, a mitigar a ira, a olhar com bons olhos a pobreza, a praticar a frugalidade, ainda que muitos se envergonhem dela.'

Encoraja-nos também a seguir a nossa própria razão, fugir da opinião da maioria e desenvolver um pensamento superior. '...É por isso que a primeira coisa a fazer é não seguir, como uma vaca, o rebanho das pessoas que nos precedem, pois nesse caso encaminhar-nos-íamos, não para onde é necessário ir, mas para onde vai a multidão. No entanto, nada nos arrasta mais para grandes males do que a conformação à voz pública; pensar que o melhor está ligado ao assentimento de grande número, de tal modo que vivemos, não de acordo com a razão, mas por espírito de imitação...A opinião da multidão é indício do pior. Procuremos, pois, aquilo que é o melhor e não o que é mais comum; aquilo que nos colocará na posse de uma felicidade eterna e não o que tem a aprovação do vulgar, que é o pior intérprete da verdade.'

A felicidade atingir-se-ia com a conformidade com a lei natural. A vida feliz seria aquela que respeita a natureza A existência que procura a beleza no interior de tudo. As coisas verdadeiras e não as aparentes. Seria à natureza que cada um deveria dar a sua consciência, porque segundo ele, a sabedoria residiria em não nos afastarmos dela. Em nos conformarmos com a lei natural, mantendo a alma sã, o corpo saudável e afastando-nos das inquietações e dos prazeres aparentes e fugidios. Uma vida de apaziguamento da alma e de cultivo da tranquilidade. Mantendo alegria perene e não a exaltação. Guardando ausência de admiração em relação aos bens exteriores, porque o verdadeiro prazer relacionar-se-ia justamente no desprezo pelos prazeres. Na vida feliz a alma seria livre, elevada, sem medo, constante e inacessível ao receio e ao desejo. A vida feliz seria para aquele para quem só existe um bem, a beleza ética, e um único mal, a indignidade. A verdadeira felicidade seria encontrada numa vida enriquecida pelas virtudes.

Os bens exteriores, a fama e as honrarias não passariam de algazaras confusas que não retirariam nem acrescentariam nada à felicidade e que tendem a desaparecer tão rápido quanto surgem. Pelo contrário, os bens interiores confeririam uma satisfação contínua, uma alegria profunda que vem do fundo do ser, porque a alma satisfar-se-ia com as suas próprias riquezas interiores e nada desejaria que lhe fosse estranho. O que valeria em comparação, as emoções: tênues, fúteis e sem duração? No dia em que se fossemos vencidos pelo prazer, seríamos também vencidos pela dor. E é por isso que o homem vencido pelos prazeres fica prisioneiro também das dores. A liberdade só poderia ser reencontrada com o repouso da alma, a elevação do espírito, o afastamento dos medos, a bondade de um coração satisfeito com o que recebe e o olhar satisfeito para o que existe no mais profundo de cada um de nós.

Ninguém pode ser feliz fora da verdade. Sem um juízo reto e firme, a alma é uma vagabunda que vagueia, sem abrigo, à procura de tudo aquilo que reluz. Mas a intensidade do brilho dos bens exteriores é apenas aparente, pois o prazer desvanece-se ao alcançar o ponto mais elevado; tem um espaço limitado e por isso o ocupa depressa; depois vem o aborrecimento e após um primeiro impulso, o prazer murcha. Quanto mais a alma se fixa na aparência das coisas, mais insatisfeita fica. Ao invés, seria feliz a alma que se contentasse com o que tem e que amasse aquilo que tem.

Sêneca salienta que o prazer é um fato tanto nos bons como nos maus. No entanto os seres baixos encontram prazer nas suas infâmias enquanto as pessoas boas, nas suas boas ações. Recomenda que se busque a vida mais virtuosa e não a mais agradável, de modo a que o prazer não seja o guia, mas sim o companheiro de uma vontade íntegra e boa. 'O homem bom terá uma vida equilibrada e ordenada, e será benévolo e magnânimo nos seus atos.' Os prazeres da alma seriam calmos e inesgotáveis, ternos, moderados e discretos.

Dentre as virtudes recomendadas por Sêneca encontramos o autodomínio, a harmonia interior, a força de vontade, a frugalidade em seu sentido amplo, a modéstia e a moderação (temperança).

Alguns vícios enfatizados seriam a arrogância, o amor próprio exagerado, a presunção, a inveja, o orgulho a preguiça e a mordacidade.

Afirma o famoso educador e filósofo brasileiro, Paulo Freire, que o objetivo último de cada um de nós é o de que nossas ações terminem por refletir os nossos ideais. É uma tarefa árdua. Quando um pensador ousa falar sobre ideais, vez ou outra é confrontado com suas próprias atitudes, eventualmente tentando-se com isto desmerecê-lo. Ignora-se assim que raríssimos são

os casos nos quais os ideais de cada um não sejam superiores às suas ações. A respeito disto, Sêneca afirma: 'É da virtude que falo e não de mim. Quando me ergo contra os vícios é antes de mais nada contra os meus mesmos que o faço. Quanto puder, viverei como deve ser.'

Marco Aurélio é denominado com razão o imperador-filósofo. Sua tábua de virtudes é análoga a condutas propostas anteriormente por Jesus. Nesta tábua encontramos, dentre outras, a piedade, a simplicidade, o autodomínio, o respeito a si mesmo e a gentileza. Ele pretende uma integração: busca a harmonia da alma com o corpo e da razão com a ação.

A vida ética consistiria em viver de acordo com a natureza, que seria o mesmo que viver respeitando-se a razão e de acordo com a virtude. A razão seria o único instrumento de uma vida ética. Ela daria sentido à existência de cada um, ao universo e sua ordem inerente. A vida feliz seria obtida pelo controle adequado das paixões, emoções, dos instintos por parte da razão e pelo foco nos bens da alma.

Quanto à paz interior tantas vezes desejada por cada um de nós, Marco Aurélio é taxativo: 'Há quem procure lugares de retiro no campo, na praia, na montanha; e acontece também desejar estas coisas intensamente. Mas tudo isso revela uma grande simplicidade de espírito, porque podemos, sempre que assim o quisermos, encontrar retiro em nós mesmos. Em parte alguma se encontra lugar mais tranquilo, mais isento de ruídos, que na alma, sobretudo quando se tem dentro dela aqueles bens sobre os quais basta se inclinar para que logo se recobre toda a liberdade de espírito, e, por liberdade de espírito, outra coisa não quero dizer que o estado de uma alma bem ordenada.'

Com respeito à piedade e à veracidade, este filósofo, como usual não deixa dúvidas a respeito do modo como pensa. 'A natureza universal, tendo formado os seres racionais uns para os outros, quis que se ajudassem entre si, segundo os dons que cada um recebeu, sem se danarem de modo algum. O homem que transgride este desígnio da natureza comete evidentemente uma impiedade para com a mais venerável das divindades... A mentira é, por igual, uma impiedade para com o mesmo nome... Portanto o homem que mente voluntariamente atenta contra a piedade, pois que, intrujando, comete uma injustiça; o mesmo se diga do que mente involuntariamente, porque destoa da natureza universal enfrentando-a; hostilizando a natureza do mundo.'

Pela linha filosófica que tratamos aqui, pouco ou nada podemos fazer quanto aos fatos objetivos da existência. Por outro lado, quase tudo podemos, com respeito ao nosso mundo interior. A Paz seria atingida quando nos desapegássemos interiormente das ocorrências sempre transitórias e fugazes da vida. É um pensamento similar à proposta comportamental budista que já analisamos, apesar de não haver evidência da influência entre a cultura romana e a indiana. Por sinal, quando estudamos o pensamento antigo dos povos, encontramos enormes similitudes, mesmo entre aqueles que pelo que se sabe, não haviam efetuado contato entre si. A razão humana chega a idênticas conclusões mesmo quando empregada por indivíduos a princípio isolados.

Existiria no universo uma lei e uma ordem natural. Caberia ao homem, criatura racional, em sintonia com tal ordem, agir pelo uso da razão. E com a razão seria possível determinar quais seriam tais leis e tal ordem natural. Caberia à razão individual igualmente dominar as emoções, os impulsos e os instintos de cada um. A felicidade e o sumo bem seriam também alcançados, desde que seguíssemos estas leis naturais, bem como a razão e a virtude. A felicidade se relacionaria intimamente com uma vida virtuosa; a verdadeira felicidade seria atingida com ela. Um ser humano virtuoso é também bom; o homem bom deve procurar a virtude na sua ação diária. Os maus fariam da busca do prazer seu objetivo. Os bons buscariam a virtude; a ética. Com isto alcançariam automaticamente prazeres profundos, permanentes e duráveis.

A verdadeira paz seria encontrada em nosso interior. O apego aos fatos objetivos da existência e às paixões levaria à dor e à escravidão.

As pessoas nascem essencialmente boas. Bons exemplos e bons hábitos reforçam tal tendência. A educação ética consistiria em fazer com que os atos correspondam aos princípios éticos. Bastaria ao longo de tal jornada de aperfeiçoamento, fazer a cada dia alguma poda nos vícios e evitar os erros.

Inúmeras são as virtudes defendidas pelos estóicos: simplicidade; gestão de si mesmo; respeito a si mesmo; suficiência; liberdade e independência de pensamento e opinião; autodomínio; indiferença às honrarias e aos bens materiais; calma; piedade; altruísmo; frugalidade em geral; harmonia interior; força de vontade; modéstia; moderação; gentileza; ajuda mútua; veracidade...

A ética grega e outras por ela influenciadas apresentam a tendência de focar virtudes específicas. Isto me parece gerar uma questão objetiva relacionada à sua aplicação. Talvez possamos afirmar que à medida que as virtudes pretendidas se multiplicam, mais difícil é ter-se um rumo claro quanto ao modo de se realizar um aperfeiçoamento pessoal da conduta. É mais ou menos óbvio que existem inumeráveis virtudes desejáveis. Caso o amigo leitor pretenda uma autotransformação, eventualmente talvez caiba uma pré-seleção daquelas que sejam consideradas as mais importantes e/ou as mais fáceis e mantendo a atenção diária nelas, principiar daí.

Por outro lado quanto a minha própria atenção à ética, me parece melhor considerar o princípio geral e não detalhes: fazer o bem e não fazer o mal. Por outro lado todos nós somos falíveis e seria ilusório supor que absolutamente não façamos o mal. Quanto a isto há uma consideração interessante, que não chegou a ser discutida neste curso. Uma pequena quantidade de bens realizados tende a contrabalançar uma grande quantidade de males. Ilustrando por um exemplo doméstico, pais e mães costumam ser muito apreciados, apesar de suas inúmeras falhas, apenas pelo fato de terem sido verdadeiros pais e mães.

Se isto é verdadeiro e eu particularmente considero deste modo, o foco fundamental do comportamento ético é fazer o bem. Frente a uma situação de dúvida cabe então diagnosticar o que seria o bem. Para isto o método que me parece melhor é o de a cada situação tentar se colocar no lugar da pessoa ou pessoas que estarão sujeitas a minha ação. Nisto estaria a ética voltada ao outro. A ética voltada a nós mesmos, pelo menos em grande medida me parece ser obtida através daquela. E se houvessem virtudes a sugerir a você, dentre aquelas voltadas prioritariamente a nós mesmos, eu ousaria recomendar a tempestividade, a prudência, a temperança e a confiança.

Paul Fernand Milcent Um seu amigo